

**ELEMENTAR, MINHA CARA WATSON: A MENTE SINGULAR DE  
SHERLOCK HOLMES RETRATADA PELA SÉRIE CONTEMPORÂNEA  
*ELEMENTARY***Thaís Conconi Silva<sup>1</sup>**RESUMO**

A pesquisa que se apresenta tem como objeto de interesse a escrita fílmica do episódio 17, intitulado “O Caso das Orelhas” (“Ears to You”) da segunda temporada da série *Elementary*, produzida pela CBS e transmitida no Brasil pelo canal Universal. A série se constitui como um dos *remakes* contemporâneos das histórias icônicas do detetive Sherlock Holmes. A análise fílmica foi realizada valendo-se de instrumentos como fotogramas, transcrições de diálogos, colocação de sons e cores, a fim de pormenorizar os detalhes da obra como proposto por Jacques Aumont e Michel Marie em “Análise do Filme”. Comparamos este episódio da série e o conto que lhe serviu de inspiração “A Caixa de Papelão” (“The Cardboard Box”), escrito por Arthur Conan Doyle e publicado em *As Aventuras de Sherlock Holmes*, volume V, em 1893, explorando a intertextualidade feita. Por fim, mostramos como mídias audiovisuais e literárias abordam o método indiciário, proposto por Carlo Ginzburg, presente na descrição dos raciocínios do detetive em ambas as narrativas, num viés contemporâneo e atual.

**Palavras-Chave:** Série *Elementary*; Sherlock Holmes; Análise Fílmica; Televisão.

**ELEMENTARY, MY DEAR WATSON: THE SINGULAR MIND OF  
SHERLOCK HOLMES REPRESENTED IN THE CONTEMPORARY TV  
SHOW *ELEMENTARY*****ABSTRACT**

The research presented here analyses the film writing of *Elementary*'s episode 17, entitled “The Case of the Ears” (“Ears to You”), from the second season of the series produced by CBS and broadcast in Brazil by the Universal channel. The series is one of the contemporary remakes of detective Sherlock Holmes' iconic stories. The film analysis was carried out using instruments such as photograms, dialogue transcriptions, sound and color, in order to illustrate the details of the work as proposed by Jacques Aumont and Michel Marie in “Analysis of Film”. We compare this episode of the series with the short story that inspired it, “The Cardboard Box”, written by Arthur Conan Doyle and published in *The Adventures of Sherlock Holmes*, volume V, in 1893. Finally, we show how audiovisual and literary media approach the indicatory method, as proposed by Carlo Ginzburg, present in the description of the detective's reasoning in both narratives, albeit under a contemporary bias.

**Keywords:** *Elementary* Series; Sherlock Holmes; Film Analysis; Television.

*Uma vez eliminado o impossível, o que resta, não importa o quão improvável, deve ser a verdade*  
(Arthur Conan Doyle)

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais e Mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática pela Universidade Federal do ABC. E-mail: thaisconconisilva@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O que há em comum entre a mente brilhante e excêntrica por trás do personagem de Conan Doyle, Sherlock Holmes, as críticas artísticas detalhistas de Giovanni Morelli e a psicanálise singular de Sigmund Freud? Todos eles desenvolveram seus métodos nos detalhes negligenciados, nos indícios diminutos, nos dados marginais. Os indícios para Holmes são equivalentes aos signos pictóricos para Morelli e aos sintomas para Freud.

Descrevendo de modo peculiar os trabalhos de cada um, Carlo Ginzburg propõe em sua obra *Mitos, Emblemas e Sinais*, demonstrar a emergência de um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas que emerge no final do século XIX, mas que possuía raízes mais antigas. Este passado antigo é comparado pelo autor, de forma didática, ao ofício dos caçadores, que rastreiam pegadas na lama, ramos despedaçados e outros sinais na natureza para encontrar sua presa.

O crítico de arte Giovanni Morelli propôs “(...) um novo método para a atribuição dos quadros antigos, que suscitou entre os historiadores da arte reações contrastantes e vivas discussões” (GINZBURG, 1989, p.144). Ele acreditava que, para atribuímos à autoria de um quadro, deveríamos nos concentrar nas singularidades, nos traços presentes nos originais, mas não nas cópias, como as peculiaridades das orelhas. O método foi julgado mecânico e grosseiramente positivista, caindo em descrédito, sendo retomado apenas anos depois.

Comparativamente, Ginzburg relaciona o método de Morelli com o ofício de um detetive: “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (GINZBURG, 1989, p.145). Sigmund Freud também enxergava a semelhança do método desenvolvido por Morelli com os adotados pela psicanálise, argumentando em uma de suas publicações:

(...) Creio que seu método [Morelli] está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou desaparecidos, dos detritos ou desaparecidos ou refugos da nossa observação (GINZBURG, 1989, p.147).

O homem aprendeu de alguma forma a decifrar esses sinais e esta competência é comparada por Ginzburg à capacidade de sair de meros dados experimentais aparentemente isolados para uma realidade mais ampla não experimentável, uma verdadeira capacidade de abstração, valendo-se da intuição que já nos é peculiar, e nos

distingue dos animais. Se a realidade é opaca existem sinais que nos permitem decifrá-las e esse é o tema central levantado pelas referências textuais e visuais deste artigo.

O objetivo é analisar comparativamente, sob a perspectiva do paradigma indiciário, o conto literário “A Caixa de Papelão” (1892) de Arthur Conan Doyle e o episódio “O Caso das Orelhas” da série produzida pela CBS, *Elementary*, buscando aproximações e distanciamentos em ambos os retratos do icônico detetive Sherlock Holmes, explorando a intertextualidade advinda da transposição midiática. Nas palavras de Cristina Santana Oliveira, o detetive nos é apresentado pela primeira vez em *Um Estudo em Vermelho* (1887), na figura de um homem com “inteligência cortante, violinista, amante dos conhecimentos científicos, curioso, arrogante e que usa morfina para aliviar as tensões provocadas pelo seu exercício mental profundo” (OLIVEIRA, 2017, p.83). O personagem aparece em mais de sessenta histórias escritas por Doyle. Segundo Camila Figueiredo:

(...) As histórias ganharam reconhecimento público e, desde então, têm servido de material para muitas versões nas mais diferentes mídias: filmes, séries de televisão, romances, quadrinhos e *video games*. Holmes é certamente um dos personagens literários mais revisitados desde o início do século XX e, recentemente, as histórias do detetive ganharam maior destaque (FIGUEIREDO, 2018, p.163).

Este destaque proporcionado pelas adaptações incide também sobre as obras originais. T.S.Eliot, em “A Tradição e o Talento Individual”, reconhece o valor das releituras para a manutenção de uma tradição literária, atribuindo significado e até ressignificando os textos primários (ELIOT, 1989). Adaptar é transpor, declaradamente, uma obra reconhecida culturalmente para algum outro formato midiático ou até em uma mesma mídia, mostrando ou contando histórias e personagens (HUTCHEON, 2013). Na série *Elementary*, objeto de interesse deste artigo, baseada na obra de Arthur Conan Doyle e adaptada para o meio televisivo: “(...) o modo ‘contar’ e ‘mostrar’ se complementam, pois criam um ambiente que só pode ser entendido e interpretado quando analisados em conjunto” (MACIEL; BRANCO, 2016, p.3).

Para analisar a adaptação feita em um episódio desta série, em termos metodológicos, foram escolhidas doze cenas que foram comparadas à narrativa literária. Estas foram decompostas em termos de diálogos, sons e imagens com base nos instrumentos de análise fílmica propostos por James Aumont e Michel Marie. A

contribuição da área das ciências humanas se constituiu na evidencição do método indiciário de Carlo Ginzburg nas reflexões do personagem Sherlock Holmes.

## O CASO DAS ORELHAS: DA CAIXA DE PAPELÃO À TELEVISÃO

A série *Elementary*, criada por Robert Doherty, produzida pela CBS e exibida no Brasil pelo canal Universal, traz inovações consideráveis em seu *remake* das clássicas histórias de Sherlock Holmes. O detetive, interpretado pelo britânico Jonathan Lee Miller, ambienta agora a cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, e não mais a cinzenta Londres do famoso apartamento 221B, na Baker Street.

O doutor John Watson, seu parceiro desde *Um Estudo em Vermelho* (1887), ganha uma versão feminina, doutora Joan Watson (Lucy Liu), que abandona a medicina devido a morte de um paciente para se tornar acompanhante de sobriedade. Esta mudança, permite que os seus caminhos se encontrem, tal como aponta Oliveira: “Ambos são criados a partir de problemas reais o que proporciona uma identificação com os telespectadores” (2017, p.85). Esta identificação com um personagem mais humano, por parte do público, pode favorecer a relação espectador-série, uma vez que:

Ao trazer uma personagem que se pareça com uma real, com emoções reais, o espectador passa a representar essa personagem não mais como algo imaginário e longe da sua realidade, mas sim como alguém que ele se identifica, fazendo com que o espectador desenvolva certa afeição pela personagem e tornando a relação espectador-série mais imediata (MACIEL; BRANCO, 2016, p.7).

A série teve início em 27 de setembro de 2012 (1ª temporada) e seu último episódio foi exibido em 15 de agosto de 2019 (7ª temporada). Nela, não somente Watson ganha uma versão feminina, mas também Moriarty, arqui-inimigo de Sherlock, se torna Jamie Moriarty, cujo nome verdadeiro é Irene Adler. Na literatura, o professor Moriarty é um gênio do crime, descrito por Holmes como o “Napoleão do Crime”, tendo sua primeira aparição em “O Problema Final” (“The Final Problem”), em dezembro de 1893. Segundo Jéssica Seymour:

Ambos, Dr. Watson e o arquirrival de Holmes, Moriarty, sofrem mudanças de gênero, seguindo as populares *fanfiction*<sup>2</sup> onde personagens masculinos são reimaginados em personagens femininas a fim de explorar e criticar as

<sup>2</sup> Narrativa ficcional escrita e divulgada por fãs em *blogs*, *sites* e outras plataformas do ciberespaço que se apropria de personagens e enredos provenientes de produtos midiáticos.



expectativas tradicionais de gênero presentes na obra original (SEYMOUR, 2015, p.1, tradução da autora)<sup>3</sup>.

A mudança de gênero não pode ser vista apenas como um detalhe, mas sim um elemento de escolha consciente, uma vez que “(...) a narrativa se torna significativamente rica abordando a questão da normatividade de gênero e a representação da contemporaneidade nas mídias sociais” (SEYMOUR, 2015, p.1, tradução da autora)<sup>4</sup>. A escolha pela mudança no gênero do personagem foi recebida com desconfiança por parte da crítica:

Quando a CBS fez o primeiro anúncio da produção de uma nova adaptação de Sherlock Holmes, *Elementary*, a série foi recebida com muito ceticismo e perplexidade entre a crítica e os fãs da série do detetive de Doyle (...) principalmente pela notícia de que o Dr. John Watson, colega de quarto e biógrafo de Holmes, se tornaria Dr. Joan Watson, interpretada por Lucy Liu (SEYMOUR, 2015, p.2, tradução da autora)<sup>5</sup>.

Esta desconfiança não se confirmou e a série foi renovada até a sétima temporada que colocou fim à adaptação. Jéssica Seymour ressalta ainda que: “(...) ao mudar o gênero dos personagens, na maioria das vezes de masculino para feminino, os fãs ampliam e incluem aspectos da justiça social e da política de gênero que são frequentemente ignorados nos serviços de mídia” (SEYMOUR, 2015, p.2, tradução da autora)<sup>6</sup>. Assim como na literatura, Watson é o lado emocional e humano da relação com Holmes, mas deixa de ser coadjuvante e, na série, participa ativamente da solução dos crimes, sendo treinada pelo próprio Sherlock para se tornar detetive. Neste *remake* contemporâneo, Sherlock Holmes e Joan Watson têm a vida entrelaçada devido ao vício em heroína do detetive, sendo ela contratada pelo seu pai para acompanhá-lo e ajudá-lo a manter-se sóbrio. Sobre o vício do detetive refere Oliveira que:

O uso de drogas alivia a sua alta tensão mental, mas também coloca toda a fragilidade e solidão que o personagem vivencia. Essa fragilidade é

<sup>3</sup> Texto original: “Both Dr. Watson and Holmes’s nemesis Moriarty are gender bent, following the popular fanfiction trope where male characters are reimagined into female characters in order to explore and critique the traditional gender expectations at work in the original (and in this case, subsequent adaptations)”.

<sup>4</sup> Texto original: “The narrative becomes a significantly richer engagement with gender normativity and representation in contemporary mainstream media”.

<sup>5</sup> Texto original: “When CBS first announced the production of a new Sherlock Holmes adaptation *Elementary*, the series was met with much skepticism and bewilderment among critics and fans of Doyle’s detective series”.

<sup>6</sup> Texto original: “By changing the gender of characters, most often from male to female, fans extend and include aspects of social justice and gender politics which are often overlooked in the mainstream”.

representada na personagem Watson que não consegue mais exercer medicina e se afasta do seu convívio social, buscando uma redenção através da salvação de Sherlock Holmes (2017, p.85).

Na série, Holmes enfrenta problemas da modernidade, na literatura, ele é regrado e disciplinado, mas apresenta momentos de fuga da realidade quando se perde nos devaneios de seus pensamentos. Nas palavras de John Watson:

(...) De vez em quando, algo acontecia e ele permanecia dias inteiros no sofá da sala de estar, praticamente sem dizer palavra e sem mover um músculo, de manhã até de noite. Nessas ocasiões, eu percebia uma expressão vaga e sonhadora em seus olhos, que me faziam suspeitar de que ele usasse algum narcótico, não fossem a retidão e a disciplina de sua vida como um todo. (DOYLE, 2011, p.24).

Assim como em *Elementary*, há várias adaptações de romances policiais para o meio televisivo que abordam o gênero através da figura do detetive. Personagens são transformados, criados ou reinventados, de acordo com as mudanças sociais de cada época decorrentes do processo de audiovisualização da cultura. Há que se “examinar de que modo acontece à produção de um ‘novo’ texto, os processos de raptos, absorção e integração de elementos externos na criação da nova obra” (OLIVEIRA, 2017, p.80).

O “Caso das Orelhas” (“Ears to You”), décimo sétimo episódio da segunda temporada da série, objeto de interesse deste artigo, traz outro personagem de Doyle para as telas, o detetive Lestrade, da *Scotland Yard*. Na narrativa ficcional de Doherty, ele é Gareth Lestrade, de personalidade forte como nas histórias de Doyle, apegado a soluções rápidas e métodos convencionais de investigação e ainda conhecido por levar os créditos dos crimes solucionados por Holmes e Watson. O que lhe é acrescentado é o apreço pelo álcool e jogatinas. Nas palavras do escritor: “Embora desprovido totalmente de inteligência, é dotado de uma tenacidade de buldogue quando compreende o que deve fazer. Aliás, foi justamente essa tenacidade a causa de sua ascensão na *Scotland Yard*” (DOYLE, 1993, p. 18-19).

Em *Elementary* não há um narrador, diferentemente da literatura onde “(...) o fiel companheiro do detetive [Watson] que, segundo Doyle é seu alter-ego, ocupa fundamental papel na divulgação dos casos do detetive e na condução e construção de Sherlock Holmes literariamente. Ele é o narrador de todas as histórias” (OLIVEIRA, 2017, p.84). No início do episódio vemos Sherlock Holmes reclamando que já faz dezenove dias desde que Lestrade está hospedado em sua residência, estadia esta que se

prolonga pelo fato do antigo inspetor ainda não ter decidido qual oportunidade de trabalho aceitar agora que se encontra em Nova Iorque.

Após a introdução deste personagem, o foco é voltado para Sherlock que diz a Watson que está tentando desarmar um dispositivo explosivo que lhe foi enviado por um colega especialista em demolições. O encaixe de cenas como esta, onde o detetive pratica esgrima, abre cadeados, faz experimentos químicos, ilustram os interesses peculiares e os vários talentos de Holmes. Na literatura é descrito com minúcia seu método para enxergar o mundo e compreender a realidade que o cerca:

Eu considero que o cérebro de um homem é, originalmente, como um sótão vazio, sendo necessário armazenar nele os objetos que escolhermos. Um tolo entope seu sótão com todo tipo de bobagem que encontra. Assim, o conhecimento que realmente pode lhe ser útil fica preso ou, na melhor das hipóteses, fica embolado com outras coisas, de modo que é difícil acessá-lo. Agora, o homem habilidoso tem muito cuidado com o que coloca em seu sótão cerebral. Ele não armazena a não serem as ferramentas úteis ao seu trabalho, que são em grande número e estão perfeitamente organizadas. (DOYLE, 2011, p. 27-28).

Na continuação deste trecho do livro *Um Estudo em Vermelho*, Watson ainda indaga: “Mas o sistema solar!...”, protestando. Sherlock interrompe-o e diz: “Que importância ele tem, para mim? Você disse que viajamos em redor do Sol. Se fosse em volta da Lua, isso não faria a menor diferença para mim ou para meu trabalho”. Interessa-lhe aprender apenas técnicas e métodos que sejam aplicáveis a seu ofício como, no caso do episódio em questão, o desarme de dispositivos explosivos. Observemos a transcrição dos diálogos desta cena inicial:

Lestrade: [gritando] Holmes! Seu maldito galo está aqui mais uma vez!  
Holmes: 19 dias, há 19 dias ele está aqui.  
Watson: Foi você quem disse que ele poderia ficar aqui até descobrir o que faria da vida dele.  
Lestrade: [gritando] Holmes! Eu vou depená-lo, eu juro!  
Watson: Ele tem ofertas, lembra?  
Holmes: Claro que tem, ele levou o crédito pelos meus sucessos na *Scotland Yard*. Tipicamente um homem é seu trabalho, no caso dele é meu trabalho e quem não ia querer me contratar?  
Watson: Você disse que seu amigo fez isso para você?  
Holmes: Um especialista em demolições me manda dispositivos às vezes, não chamaria amigo.  
Watson: E o que acontece se chegar à zero?  
Holmes: Eu confesso que não sei, (...) teria que falhar em desarmar uma (DOHERTY, 2012, 0 min. 24s. – 1min. 27s).



A delicadeza das mãos de Sherlock, que nesta situação são usadas para desarmar o dispositivo, pode ser observada no fotograma abaixo (figura 2). John Watson já havia se atentado a elas na literatura: “Suas mãos estavam sempre sujas de tinta e manchadas por produtos químicos. Mesmo assim, possuíam uma delicadeza extraordinária, como frequentemente pude perceber ao observá-lo manipulando seus frágeis instrumentos” (DOYLE, 2011, p.25).



Figura 2: Fotograma da cena onde Sherlock tenta desarmar um dispositivo explosivo em sua sala.

Feita a devida introdução, a cena seguinte dá início à narrativa sobre a qual o episódio se desenvolve. A história é perturbadora e inquietante: Gordon Cushing volta para a sua residência e encontra à sua espera um pacote. Ele o leva para dentro e ao abri-lo, uma surpresa. Em seu conteúdo havia um par de orelhas decepadas que Gordon acredita ser de sua esposa desaparecida há anos, Sara Cushing. As séries policiais investigativas, possuem geralmente formatos próprios que se repetem como, por exemplo, a apresentação do caso (geralmente antes da abertura) e sua aceitação por parte do detetive, o método de investigação e o desfecho, clímax do episódio:

As séries de televisão (...) são produtos que utilizam fórmulas e protótipos, baseados na relação entre repetição e inovação. Seja devido à indústria do entretenimento que utiliza a produção em série e reciclagem de fórmulas, seja por parte de sua audiência que encontra conforto e segurança ao assistir o esperado e repetido (VALLE, 2016, p.1).

No conto “A Caixa de Papelão” é a senhorita Susan Cushing quem recebe pelos correios um par de orelhas decepadas. Nele, Holmes lê para Watson uma reportagem no *Daily Chronicle*<sup>7</sup> intitulada “Um Pacote Macabro” sobre o caso em questão:

<sup>7</sup> O *Daily Chronicle* foi um jornal britânico publicado entre 1872 e 1930, quando foi fundido com o *Daily News* tornando-se o *News Chronicle*.



A Srta. Susan Cushing, residente à *Cross Street*, Croydon, foi vítima do que se pode considerar uma brincadeira de mau gosto particularmente revoltante, a não ser que se prove que o incidente tenha significado mais trágico. (...) Foi-lhe entregue pelo carteiro um pacote envolto em papel pardo. Dentro encontrava-se uma caixa de papelão cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, a Srta. Cushing deparou, (...) com duas orelhas humanas, aparentemente recém-cortadas. A caixa fora despachada de Belfast, como encomenda na manhã anterior. Não há a menor indicação quanto à identidade do remetente, e o caso torna-se ainda mais misterioso ao considerar-se que a destinatária é solteira, tem cinquenta anos de idade, sempre levou uma vida muito isolada. (...) Todavia, há alguns anos, quando morava em Penge, alugou quartos a três jovens estudantes de medicina, dos quais foi obrigada posteriormente a desfazer-se devido aos hábitos irregulares e turbulentos deles. A polícia é de opinião que se trata de obra desses estudantes, que, por vingança, enviaram a Srta. Cushing, com o intuito de aterrorizá-la, esses sobejos da sala de anatomia. (...) O caso está sendo ativamente investigado, sob a direção do Sr. Lestrade. (DOYLE, 1993, p. 10-11).

Uma das mudanças advindas da atualidade é a de que Sherlock não precisa mais de jornais para saber os casos em que a polícia está trabalhando. Na série, ele agora é consultor da polícia já que seu amigo é capitão e sempre que aparece algum caso complicado ele o requisita. Romances policiais, criminais ou de mistérios como comumente são chamados sempre trazem um enigma que deve ser desvendado pela figura do detetive e, impreterivelmente, deve conter um criminoso, tal como aponta Lins: “O verdadeiro núcleo do romance policial está no assassinato, que tem além de tudo o privilégio de colocar o leitor diante do mistério da morte, aquele que mais inquieta e apavora a natureza humana” (1947, p.19). Podemos observar na transcrição que apresenta o caso acima que é mencionado o nome de Lestrade como sendo o responsável pelo caso.

No episódio “O Caso das Orelhas”, ele não participa da solução do caso, sendo sua história uma narrativa paralela à investigação feita por Holmes. Outro diferencial é o uso da personagem Sara Cushing, inspirada no conto, mas tendo inicialmente o papel de vítima e suposta dona das orelhas cortadas que foram enviadas ao seu marido. Na narrativa policial deve existir impreterivelmente uma vítima que “(...) tem para o criminoso um valor (de revelação de um segredo, de usurpar-lhe uma fortuna, de interromper um relacionamento amoroso, etc.)” (OLIVEIRA, 2017, p.82).

Na cena seguinte Gordon Cushing chega ao seu portão e encontra o pacote (figura 3). Temos o enquadramento da câmera enfocando este pacote e, gradativamente, o marido que se aproxima, levando-o para dentro de casa. Enquanto degusta uma taça

de vinho, numa cena sem diálogos, ele abre o pacote e se depara com o par de orelhas envolto em sangue. O silêncio é rompido pelo barulho da taça se esfacelando ao chão. O fotograma abaixo mostra a cena descrita. Logo depois temos a música tema do episódio com sua tradicional abertura.



Figura 3: Fotograma da cena que mostra Gordon Cushing recebendo o pacote com as orelhas.

Nota-se que, em um dado momento, a câmera se afasta como se fossem os olhos do remetente do pacote que observa Gordon à distância. Segundo Jacques Aumont qualquer representação imagética toma como base os espectadores e seus enunciados ideológicos e culturais. As imagens são carregadas de sentido e este deve ser interpretado por cada espectador de forma única (AUMONT, 2011). Já na delegacia, o capitão do 11º Distrito de Nova Iorque, Thomas Gregson, informa Holmes e Watson sobre o caso das orelhas. O personagem é inspirado em Tobias Gregson, inspetor da *Scotland Yard*, que trabalha juntamente com Lestrade, em Londres, nas histórias de Doyle. No *remake* americano, Gregson assume um posto hierárquico maior.

Capitão: O nome dele é Gordon Cushing, mas talvez já saibam disso.

Watson: A esposa dele desapareceu em 2010, pensaram que ele tivesse-a matado.

Holmes: Eu me esforcei para me manter atualizado dos crimes notórios de outros países, mas confesso ter abandonado o hábito com o tempo.

Capitão: Sara a esposa, gostava de balada, ele não aprovava. Eles brigavam muito, então quando ela sumiu...

Holmes: Ele foi suspeito de assassinato?

Capitão: É, mas foi sem corpo, não temos um caso. Algumas horas atrás ele ligou para a polícia e disse que recebeu uma caixa com duas orelhas cortadas e tinha um bilhete dizendo que eram da esposa dele Sara. Se ele entregasse dois milhões pessoalmente para a pessoa ou pessoas que estão com ela, ele a teria de volta.

Holmes: É estranho ter um pedido de resgate quatro anos após o sequestro.

Capitão: Você acha isso estranho? Essa não é a primeira vez que ele afirma ter sido contactado pelos sequestradores. (...) Ela desapareceu em maio de 2010. Na época ele disse que ela apenas fez as malas e foi embora, mas supostamente, ele recebeu uma ligação em junho de 2011. O cara afirmou tê-la sequestrado. (...) Cushing (...) conseguiu um milhão em dinheiro vivo e deixou debaixo de uma árvore no Central Park. Dias depois nem sinal de Sara (DOHERTY, 2012, 4min. 13s. – 5 min. 47s).

Na série *Elementary*, Gordon Cushing, que alega inocência, é suspeito de ter matado sua esposa há quatro anos. É incluído na história ficcional um suposto sequestro, anterior ao envio das orelhas, mas fica claro o desaparecimento de Sara. Observa-se, também, que Sherlock diz que tentou manter-se a par dos casos policiais de outros países, mostrando que na época do crime ainda estava em Londres. Os fotogramas dessa cena podem ser observados abaixo, na figura 4:



Figura 4: Fotograma da cena que mostra o capitão Gregson apresentando o caso a Holmes e Watson.

Holmes e Watson, juntamente com o detetive Marcus Bell, entrevistam o senhor Cushing pela primeira vez. O detetive teve seu sobrenome inspirado em Joseph Bell, cirurgião e professor escocês de Arthur Conan Doyle quando este cursou medicina na Universidade de Edimburgo, no Reino Unido.

Gordon: Eu sei como isto vai parecer, mas é uma coisa boa, não é? Sara está viva.

Capitão: Estamos comparando o DNA das orelhas com fios de cabelo que coletamos da escova de cabelo que encontramos no quarto do casal em 2010. Se o DNA combinar, então sim, há uma boa chance que ela esteja viva.



Gordon: As orelhas são da Sara, eu sei que são. Dê uma olhada nas fotos que eu trouxe. Espera você ainda acha que eu a matei, não é? Você acha que eu peguei as orelhas de alguém e mandei para mim mesmo?

Capitão: Não, estou mais preocupado com o que sei. Eu sei que alguém foi mutilado mais cedo esta noite (DOHERTY, 2012, 5min. 50s. – 6min. 36s).

Os interrogatórios são comuns em séries policiais e parte integrante de toda trama do gênero. Eles são moldados para que “(...) o suspeito revele os segredos, bem como são utilizados artifícios para se aproximar das testemunhas e conquistar sua confiança, para que elas deem mais detalhes e informações do que já foi informado aos policiais anteriormente” (VALLE, 2016, p.9).

No trecho em questão Gordon mostra aos detetives uma foto da sua esposa para que estes observem a semelhança existente entre as orelhas recebidas e as da imagem fotográfica e este é o primeiro indício apresentado à mente brilhante de Sherlock Holmes no episódio. No conto da caixa de papelão os fatos são diferentes e menos simplórios. Chegando à casa da senhorita Susan Cushing, o inspetor Lestrade acompanhou Holmes até um quarto nos fundos onde se encontrava o pacote entregue pelo correio. “Era um acanhado quartinho, no estreito quintal dos fundos da casa. Lestrade entrou e trouxe de lá uma caixa amarela de papelão, embrulhada com um pedaço de papel pardo e um barbante” (DOYLE, 1993, p. 12).

Numa narrativa rica em detalhes, Doyle nos transporta para cada cena descrita em suas histórias e, ainda sobre o barbante, Holmes pondera: “Este barbante é extremamente interessante. Que me diz disso, Lestrade?” e este lhe responde: “Foi besuntado com alcatrão”. Observe que os indícios são apresentados de forma mais enigmática e misteriosa em comparação com os expostos pela série.

(...) - Precisamente. Trata-se de barbante alcatroado. Terá notado, sem dúvida, que a Srta. Cushing o cortou com uma tesoura, como se depreende das duas pontas desfiadas. Isso é importante.

- Não vejo qual a importância de tal fato – retorquiu Lestrade.

- A importância está no fato de o nó não ter sido tocado. Ora, este nó é característico.

- Foi feito com muita precisão. Já o notara também – acrescentou Lestrade com ar complacente.

- Isso no que diz respeito ao barbante – continuou Holmes, sorrindo. – Vejamos, agora, o invólucro da caixa (DOYLE, 1993, p.12).

São dadas ao leitor duas informações sobre o barbante e o nó feito com este. Holmes ainda acrescenta sobre a ortografia do remetente: “Endereço escrito em letra de

fôrma e em caracteres muito irregulares: ‘Srta. Cushing, Cross Street, Croydon’. Escrito com pena de ponta grosso e tinta de qualidade muito ordinária”. E, acrescenta: “A palavra Croydon foi a princípio ortografada com i, depois transformado em y. O pacote, portanto, foi enviado por um homem – a letra é visivelmente masculina – de limitada cultura e que não conhece a cidade de Croydon” (DOYLE, 1993, p.13). A cadeia de raciocínio apresentada por Sherlock o leva a crer que o suspeito de ter decepado as orelhas e enviado o pacote é um homem. Na série Holmes e Watson observam as orelhas já no necrotério (figura 5):

Holmes: Elas têm uma estranha semelhança com as orelhas da fotografia.  
 Watson: Uhum [concordando].  
 Holmes: Dificilmente é uma prova de que elas vieram da cabeça de Sara Cushing.  
 Watson: O que achou do Gordon?  
 Holmes: Ele me pareceu bastante sincero, mas o zoófilo Ebaneser Corner também pareceu quando afirmou não ter tentado violar duas avestruzes no zoológico de Londres. Então, o que achou do Senhor Cushing?  
 Watson: Foi interessante na mesma sala com ele. Antes dessa noite eu só o havia nos noticiários. Se ele está falando a verdade, então eu acho que sinto pena dele. Significa que alguém cometeu um erro bem trágico quando o acusou (DOHERTY, 2012, 7min. 42s. – 8min. 33s).

Como a série se passa em 2012, vemos o capitão Gregson comentar na cena anterior sobre averiguar a compatibilidade do DNA das orelhas com fios de cabelo de uma escova e Holmes dizendo que as orelhas parecem com as da fotografia de Sara estão longe de ser uma prova de que vieram dela. *Elementary* ambienta um distrito policial, onde Holmes e Watson são consultores da polícia, logo são necessários mais que indícios para provar e acusar criminalmente um suspeito, considerando a tecnologia e avanços no trabalho pericial.



Figura 5: Fotograma da cena que mostra Holmes e Watson observando as orelhas no necrotério.

Talvez a beleza do mistério e da apresentação detalhada dos indícios se dê ao fato de que, por volta de 1880, não havia recursos tecnológicos para perícia e investigações criminais, tornando-se necessário um esforço intelectual interpretativo maior para compreender as evidências e pistas apresentadas. No livro, após Holmes observar atentamente as orelhas, chega à conclusão de que o par não pertence a uma mesma pessoa e questiona Lestrade.

- Com certeza, já deve ter observado – disse ele por fim – que estas duas orelhas não pertencem a um mesmo indivíduo.
- Sim, já o notara; mas, se isso é brincadeira de mau gosto da parte de alguns estudantes, a estes seria tão fácil subtrair da sala de anatomia duas orelhas diferentes como um par.
- Perfeitamente; mas não se trata aqui de travessura de estudantes.
- Tem certeza disso?
- As aparências são absolutamente contrárias a tal hipótese. Os cadáveres usados para dissecação normalmente são injetados um líquido próprio para conservá-los. Ora, estas orelhas não apresentam sinais desse líquido e, além do mais, são frescas. Foram cortadas com instrumento cortante mal afiado, o que dificilmente aconteceria se fosse obra de um estudante de medicina. (...) Repito que não existe aqui nenhuma brincadeira de mau gosto, mas que nos encontramos em face de gravíssimo delito (DOYLE, 1993, p.13).

Lestrade quer um fim rápido para o caso e sempre busca as soluções mais simples, ao contrário de Holmes, que analisa cada detalhe com cautela, afirmando: “Uma dessas orelhas é de mulher: pequena, de contornos delicados e com orifíciozinho para brincos. A outra é de homem, queimada de sol, descorada e furada para brincos. Ambas as pessoas devem estar mortas” (DOYLE, 1993, p.14). No episódio televisivo do caso das orelhas há uma reviravolta. Holmes conta a Watson que o capitão ligou e disse que o DNA é compatível com Sara Cushing e que Gordon pagará o resgate ao sequestrador, enquanto treina desarmar outro dispositivo em sua casa:

- Holmes: É um ar de surpresa que vejo em você, disse que eu recebi várias dessas [referindo-se ao dispositivo]
- Watson: Bom, eu só achei que estaria concentrado nos arquivos da senhora Cushing.
- Holmes: E eu estive grande parte da noite, mas aí o capitão me ligou e disse que as orelhas que Gordon Cushing recebeu bateram com o DNA de Sara.
- Watson: Está brincando?
- Holmes: Também é minha cara Watson, contar piadas.
- Watson: Então Sara Cushing está viva?
- Holmes: Ela está, ou pelo menos estava até ontem. Gordon vai pagar pelo retorno dela sem orelhas atualmente. A polícia observará. E como dificilmente precisam da ajuda de dois detetives consultores para uma simples entrega de resgate [apontando para o dispositivo]. (DOHERTY, 2012, 11min. 19s. – 11min. 57s).



Nesta cena notamos o humor irônico de Sherlock quando este alega não ser do seu feitio contar piadas. Uma das primeiras interpretações visuais do personagem foi a criada pelo ilustrador Sidney Paget, responsável por mais de trezentos desenhos para as publicações periódicas de Holmes na *Strand Magazine*, entre 1891 e 1927. A este propósito afirma Figueiredo: “A iconografia de Holmes nos diz, por exemplo, que o detetive é alto e magro, com o nariz e queixo quadrado e proeminente, de olhar aguçado e penetrante, com um ar de vivacidade e decisão” (2018, p.169). Na sua descrição feita em *Um Estudo em Vermelho*, por sua vez, temos:

Só a aparência de Holmes já era suficiente para chamar a atenção de qualquer pessoa. Tinha mais de um metro e oitenta de altura e era tão magro que parecia ainda mais alto. Seus olhos eram agudos e penetrantes, a não ser durante aqueles períodos de torpor. (...) Seu nariz, fino e parecido com o bico de um falcão, conferia à sua expressão um ar de alerta e decisão. Também seu queixo, proeminente e quadrado, indicava que era um homem determinado (DOYLE, 2011, p.24-25).

O autor John Lee Miller, em sua atuação, capta os trejeitos característicos do personagem, como podemos observar nos fotogramas da figura 6, abaixo:



Figura 6: Fotograma da cena que mostra Holmes conversando sobre o caso.

Na sequência do episódio, Gordon Cushing se propõe, acompanhado pela polícia, a encontrar o suposto sequestrador e lhe entregar a quantia exigida. O homem que aparece para o encontro acaba sendo morto por Gordon que alega legítima defesa, tornando-o mais suspeito para os detetives. A cena cujo raciocínio de Sherlock se assemelha à inspiração do método indiciário acontece no necrotério onde, juntamente com Marcus, ele examina o cadáver do homem morto pelo senhor Cushing:

Holmes: Os calos nas mãos indicam que nosso desconhecido fazia trabalho manual. Os traços de cerâmica debaixo das suas unhas sugerem que ele era

um telhadista. É o domínio de imigrantes ilegais e pessoas na condicional. Você tem certeza de que não achou as digitais dele no banco de dados?

Marcos: Ainda não.

Holmes: Uhm. Note os sapatos, bem antigos, solado fino, não parece de um homem que pegou um pagamento de resgate de 7 dígitos 3 anos atrás e bolou um novo pedido de resgate. Talvez estejamos olhando para um garoto de recados.

Marcos: Se for assim, por que não temos sinais dos parceiros?

Holmes: *Rabkin Hardware*.

Marcos: É em *Hampstead*, distribuíram vários desses numa promoção ano passado. Tentei o dono, ele não reconheceu nosso rapaz como nenhum dos empregados.

Holmes: Uhm [olhando para a tatuagem no corpo].

Marcos: É eu também vi isso. Não tenho certeza do significado, pode ser algum símbolo de gangue.

Holmes: Uhm, está mais para um clube na verdade. AA, CA, LA, NA, escolha seu anônimo. O trinta representa 30 dias e o seis representa 6 meses.

Marcos: Fichas de sobriedade?

Holmes: Sim, algumas pessoas em recuperação se tatuam para comemorar certo marco. Eu, particularmente, acho esta prática idiota. (...) Sorte a nossa, a arrogância desse cara pode nos ajudar a identificá-lo.

Marcos: Porque eu estou com a sensação de que vamos numa reunião do AA em *Hampstead*? (DOHERTY, 2012, 18min. 21s. – 19min. 58s).

Através de traços no corpo como marcas nos dedos e tatuagens (figura 7), Holmes consegue inferir que o homem assassinado é de Hampstead e membro dos alcoólicos anônimos. Sherlock e Joan vão a uma reunião do grupo e se deparam com ninguém menos do que Sara Cushing, viva e em posse de suas duas orelhas. Sobre o método investigativo, “(...) a montagem do quebra-cabeça, com o trabalho do detetive, requer uma observação acurada e um conhecimento enciclopédico de modo a dispor à mão o conjunto finito e pré-determinado de imediatas e adequadas possíveis soluções hipotéticas” (BONFANTINI; PRONI, 2018, p.140).



Figura 7: Fotograma da cena onde os detetives analisam o cadáver e os pertences de Jim Browner.

Sara aceita conversar com os detetives e reconhece o homem que supostamente seria seu sequestrador, Jim Browner, do retrato dado a ela por Holmes e Watson. No

conto da caixa de papelão temos um personagem com o mesmo nome, mas que desempenha outro papel na narrativa, como marido de Mary Cushing, irmã de Susan.

Holmes: A reunião vai começar, vamos. Espera!

Watson: Conhece aquela mulher?

Holmes: Nós dois conhecemos. Ela fez algumas mudanças, mas não o suficiente para esconder sua verdadeira identidade, não de mim.

Watson: É Sara Cushing!

Holmes: É... Viva e (...) se eu não me engano em posse de suas duas orelhas.

Sara: Você está certo. Eu sou Sara Cushing, eu era pelo menos. Eu sou Allisson Drake agora. Tenho sido por anos. Tudo que o Gordon disse a polícia em 2010 era verdade. Fiz minhas malas e fui embora sem avisar. Nossas brigas estavam ficando cada vez mais feias. (...) Eu pensei em diferentes formas de voltar, mas cada vez que eu ia fazer isso eu me lembrava daquele olhar. Eu pensava, o Gordon é um homem determinado, se ele soubesse que eu estava por aí e quisesse me encontrar. Eu refiz a minha vida, fiquei sóbria, casei-me com um médico.

Holmes: Senhora Cushing, este homem convenceu Gordon e a polícia de que havia sequestrado você. Reconhece ele?

Sara: Jim Browner. Eu o conheci aqui em uma reunião. De alguma forma ele descobriu quem eu era. Me chantageou por um tempo. Acho que ele decidiu que poderia ganhar mais dizendo ao Gordon que tinha me sequestrado.

Watson: O último pedido de resgate continha duas orelhas humanas em um pacote. O DNA bateu com o seu, mas suas orelhas estão bem.

Sara: Eu acho que posso explicar isso. Alguns anos atrás eu li uma história no jornal. O corpo de uma mulher apareceu no pântano e pensaram que poderia ser o meu. Então compararam o DNA do corpo com os fios de cabelo que tiraram da escova no meu banheiro. Só que aquela escova não era minha. (...)

Holmes: Acha que seu marido estava vendo alguém em 2010?

Sara: Eu acho que aquela escova era da outra mulher. E essas orelhas que o Gordon recebeu, (...) só podem ser dela. (DOHERTY, 2012, 21min. 26s. – 24min. 30s).

No conto escrito por Doyle, Susan Cushing tem duas irmãs, Sara e Mary, fato este que é descoberto quando Sherlock a interroga em sua residência, observando-a com evidente emoção, como descrito por Watson, narrador da história: “Nesse instante foi-me possível ler em seu rosto expressivo surpresa e contentamento. (...) Nada, porém, encontrei que justificasse a evidente emoção de meu amigo” (DOYLE, 1993, p.15). O historiador Carlo Ginzburg acredita que “(...) os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós” (GINZBURG, 1989, p.146). Holmes questiona a senhorita Cushing:

- A senhora tem duas irmãs, creio.

- Como pode saber isso?

- Logo que entrei nesta sala, vi sobre a prateleira da lareira o retrato de três moças, uma das quais é indiscutivelmente a senhorita, enquanto as outras se lhe assemelham de modo a não deixar dúvidas acerca do parentesco que as une.

- De fato, tem razão. São minhas irmãs Sara e Mary.



- E aqui a meu lado está outro retrato, tirado em Liverpool, de sua irmã mais nova em companhia de um homem que, pelo uniforme, me parece comissário de bordo. Vejo que nessa ocasião ela ainda não era casada.

- Que grande observador. (...) Realmente, acertou. Todavia, ela casou-se poucos dias após com Browner. Na época dessa fotografia, ele fazia o serviço regular de navegação para a América do Sul, mas amava-a tanto que não se resignou a passar tanto tempo longe dela, e conseguiu transferência para o serviço costeiro entre Londres e Liverpool.

- No *Conqueror*, por acaso?

- Não; no *Mayday*, pelo menos na última vez que dele tive notícias. Em certa ocasião, Jim veio visitar-se. Foi antes de ele quebrar sua promessa; desde então, porém, sempre que desembarcava punha-se a beber, e bastavam uns poucos goles para transformá-lo num doido varrido. (...) Primeiro deixou de me procurar, depois brigou com Sara, e agora que Mary deixou de me escrever, não sei como andam as coisas entre eles. (DOYLE, 1993, p.15-16).

É mencionado pela primeira vez o nome de Sara Cushing no enredo da trama literária. Há três senhoritas Cushing no conto de Doyle, Susan, Sara e Mary, enquanto em *Elementary* é somente o casal, Gordon e Sara. Apenas com a fotografia observada enquanto conversava com Susan, Sherlock Holmes desvenda grande parte do mistério em torno das orelhas decepadas. Como Carlo Ginzburg (1989) já afirmará, deve-se manter a atitude que nos leva a apreciar os pormenores, os indícios. Aparentemente foi um caso de fácil solução, mas que serviu para seu intento: mostrar a genialidade da mente de Sherlock Holmes, que interpreta como ninguém os indícios que lhe são apresentados. O detetive trabalha de maneira equivalente à descrita por Ginzburg, uma vez que suas descobertas se dão através de um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 1989, p.150).

Ambas as Saras, da narrativa literária e audiovisual, têm personalidades fortes e são de difícil convivência. Nas palavras de Susan: “Se o senhor conhecesse o gênio de Sara, compreenderia. (...) Não quero falar mal de minha própria irmã, mas Sara sempre foi muito difícil de aturar” (DOYLE, 1993, p.16) e de Gordon Cushing em *Elementary*: “Ela fez e disse coisas enquanto estava bêbada que eu não poderia perdoar. Eu não quero que ela volte porque estou com saudade, quero que ela volte porque estou cansado das pessoas olhando para mim do jeito que estão olhando para mim agora” (DOHERTY, 2012, 07 min. 17s. – 07 min. 38s).

Ainda em *Elementary*, Sara Cushing alega a Holmes e Watson que tinha medo do seu marido Gordon e temia por vida, o que motivou sua fuga. Ela casou-se

novamente com um cirurgião plástico, que mudou sua aparência. Quando Sherlock questiona sobre a compatibilidade descoberta entre o DNA das orelhas e dos fios de cabelo de uma escova de seu antigo quarto, Sara diz que a escova era da amante de Gordon e que, assim, as orelhas deviam ser dela também.



Figura 8: Fotograma da cena onde os detetives encontram Sara Cushing na reunião do A.A.

A história desdobra-se, então, em outra perspectiva: a pessoa que perdeu as orelhas seria Kendra, acompanhante contratada pelo senhor Cushing, através de uma agência. Gordon é chamado novamente a delegacia para prestar esclarecimentos sobre as novas descobertas:

Gordon: (...) Se as orelhas não eram da Sara, como bateu com o DNA dela?

Holmes: Ela acha que a escova de cabelo que a polícia usou para comparar o DNA pertencia à outra mulher, talvez uma visitante do seu quarto. Isso é possível?

Gordon: Quando as coisas ficaram ruins entre nós eu comecei a ver outra mulher.

Watson: Você precisa nos falar sobre ela.

Gordon: Eu sei menos sobre ela do que vocês gostariam. Era um relacionamento profissional. O primeiro nome era Kendra, foi o que ela me disse. Ela era loira assim como a Sara na época, então eu acho que a polícia confundiu o cabelo dela com o da Sara. (...) Eu posso dar o nome da agência que indicou a Kendra, mas eu acho que vocês não vão ter sorte. Quando a Sara desapareceu e fui declarado suspeito, Kendra ficou apavorada, parou de me ver e mudou os telefones. Meu contato na agência dela disse que ela desapareceu da mesma forma que a Sara.

Holmes: Você acha que a Sara está por trás do que aconteceu a Kendra? (...)

Gordon: Ela está metida nisso. Ela tem que estar. E se era parte disso na época, é parte disso agora (DOHERTY, 2012, 26min. 32s. – 27min. 57s).

Gordon mostra-se surpreso ao descobrir que sua esposa está viva e passa a acreditar que ela é responsável pelo pedido falso de resgate, motivada por interesses financeiros. Na narrativa audiovisual temos, também, outro ponto de vista para o desfecho da história: Sara conspirou para conseguir dinheiro de seu marido Gordon. Mas, sendo este o caso, de quem são as orelhas?



Figura 9: Fotograma da cena onde os detetives questionam Gordon Cushing sobre Sara na delegacia.

Em sua casa, Holmes e Watson assistem ao noticiário que reporta o reaparecimento de Sara Cushing enquanto ambos aguardam o retorno de Marcus sobre a acompanhante contratada por Gordon, que possui poucas informações sobre ela, somente cor de cabelo e um nome. Holmes alega ser um luxo, uma vez que já resolveu casos com menos.

Repórter no noticiário [transmitido na TV]: Amigos e família ainda estão sem acreditar nas notícias de que Sara Cushing reapareceu viva e muito bem em *Long Island*. Seu visual mudou desde 2010 e há indícios de que isso seja graças ao homem com quem ela se casou em 2012, o cirurgião plástico Steven Edelman. Estes indícios ainda devem ser confirmados.

Holmes: Quanto tempo leva para identificar uma prostituta?

Watson: Ah, o Marcos disse que ligaria em uma hora, faz 45 minutos. Eles só têm o primeiro nome e uma cor de cabelo.

Holmes: Um luxo, eu vou descobrir isso em 20 cliques (...) [O telefone toca].

Watson: É o Marcos. Alô?

Marcos: Oi, o serviço de acompanhantes que o Cushing usou não existe mais, mas um amigo meu conseguiu me colocar em contato com uma das garotas que trabalhavam com a Kendra. (...) O nome real da Kendra era Callie Tasker. Ênfase no era, ela morreu num acidente de carro há três anos e foi cremada. Então eu não sei de quem são essas orelhas que o Gordon Cushing recebeu (DOHERTY, 2012, 28min. 00s. – 30min. 00s).

Esta é outra mudança brusca no rumo dos acontecimentos do episódio. Sara alega que o DNA das orelhas compatíveis com os fios de cabelo da escova de sua casa era de Kendra, revelada ser Callie Tasker. Marcus descobre, então, que ela está morta e



foi cremada sendo impossível ela ser a dona do par de orelhas enviadas ao senhor Cushing.

Ambas as tramas das narrativas têm um final surpreendente. No conto da caixa de papelão vimos, anteriormente, a introdução do personagem Jim Browner, marido de Mary Cushing. Holmes vai, então, a casa de Sara depois de ter observado atentamente uma fotografia sua com Mary e Susan. Porém, antes de sua saída repentina, o detetive rabisca o nome do criminoso no verso de um cartão e entrega para Lestrade. Já na residência da Srta. Cushing:

- A Srta. Cushing está em casa?
- A Srta. Cushing acha-se gravemente enferma – respondeu o jovem. – Apresenta desde ontem distúrbios cerebrais de extrema intensidade. Como seu médico, eu não posso arcar com a responsabilidade de permitir-lhe visitas. Tomo a liberdade de pedir-lhes para voltarem daqui uns dez dias. Dizendo isso, calçou as luvas, fechou a porta e afastou-se a pé, rua abaixo.
- Bem, o que não tem remédio, remediado está – observou Holmes em tom gaiato.
- Talvez ela não estivesse em condições, ou mesmo não tivesse desejo de lhe dizer grande coisa.
- Não pretendia que ela me dissesse nada; queria apenas vê-la. Não obstante, creio ter obtido tudo quanto desejava (DOYLE, 1993, p.17).

Holmes e Watson partem, então, ao posto policial para encontrar Lestrade, que os esperava na porta. O inspetor diz: “Conseguiu descobrir alguma coisa?” e Holmes responde: “Descobri tudo!”. Lestrade fica impressionado e exclama: “O senhor está brincando!”. O diálogo entre os dois continua:

- Nunca disse nada de mais sério em minha vida. Foi perpetrado um crime espantoso, e acredito tê-lo desvendado em todos os pormenores.
- E o criminoso?
- Holmes rabiscou algumas palavras no verso de um cartão de visita e estendeu-o a Lestrade.
- Eis o nome dele – explicou. – Todavia, não poderá prendê-lo senão amanhã à noite. Gostaria que meu nome não fosse mencionado no que diz respeito a esse caso, porque prefiro associá-lo unicamente a crimes cuja solução ofereça reais dificuldades. Vamos, Watson (DOYLE, 1993, p.18).

Holmes alega que o caso foi de fácil solução e por isso não pretende ganhar o mérito por sua solução já que não houvera grande esforço intelectual para tal. Eis o assassino: Jim Browner, o comissário de bordo e marido de Mary Cushing. Sherlock explica detalhadamente seu raciocínio a Watson que acabou por levar a conclusão da culpabilidade de Browner.

- (...) Uma excelente senhora, calma e respeitável, que parecia completamente alheia ao mistério, e um retrato que me revelava possuir ela duas irmãs mais novas. Instantaneamente, surgiu-me no espírito a ideia de que o pacote talvez fosse destinado a uma delas. (...) Dirigimo-nos depois (...) para o quintal, onde examinamos o singularíssimo conteúdo da caixa amarela. O barbante do tipo usado no velame de navios e, de súbito, o ambiente do mar invadiu nossas investigações. Quando observei que o nó era característico entre marinheiros, que o pacote fora expedido de um porto de mar e que a orelha masculina tinha um orifício para brinco, coisa muito mais comum entre marujos do que entre habitantes de terra firme, convenci-me de que os protagonistas da tragédia deviam encontrar-se nos meios marítimos. Ao examinar o endereço do pacote, notei estar ele dirigido a Srta. Cushing. Ora, a irmã mais velha seria, naturalmente, também Srta. Cushing, mas, embora sua inicial fosse S, essa letra poderia pertencer da mesma forma a uma das outras. Nesse caso, deveríamos iniciar nossas pesquisas em base completamente nova. Entrei, portanto, na casa, com o intuito de esclarecer esse ponto (DOYLE, 1993, p.19-20).

Até este momento, Holmes explica a Watson suas convicções sobre o pacote enviado e sobre as vítimas se encontrarem em ambiente marítimo. Mas quem seriam? Sobre as peculiaridades das orelhas, Sherlock discursa a Watson, baseando-se em “(...) pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, [mas que] forneciam a chave para ascender aos produtos mais elevados do espírito humano” (GINZBURG, 1989, p.150). Assim como Doyle, Watson também estudou medicina:

Na qualidade de médico, Watson, deve saber que não existe parte do corpo humano que apresenta tantas variações como a orelha. Cada uma tem as próprias características, e difere de todas as demais. (...) Examinei, por isso, com olhos de entendido, as orelhas contidas na caixa, e verifiquei cuidadosamente suas peculiaridades anatômicas. Imagine, pois, meu espanto quando, ao olhar para a Srta. Cushing reparei corresponder sua orelha a orelha feminina que eu acabara de inspecionar. Não era possível pensar em coincidência. Ali estava o mesmo encurtamento da aurícula, mesma curva larga do lobo superior, a mesma circunvolução da cartilagem interna. Em todos os pontos essenciais, era perfeita a semelhança. (...) Era evidente ser a vítima uma consanguínea e até provavelmente, parente muito próximo. (DOYLE, 1993, p.20).

No episódio de *Elementary* sobre o caso das orelhas temos um momento muito parecido com o das explanações de Holmes para Watson sobre suas descobertas na literatura. Na série, Sherlock Holmes e Joan Watson estão na cozinha de sua casa falando sobre as orelhas e suas características peculiares, chegando a mencionar Alphonse Bertillon, francês inventor da foto policial de perfil.

(...) Holmes: Estou esperando um progresso e, assim que conseguir, vou comer aquela banana.  
Watson: Um novo suspeito?

Holmes: O nome dele era Alphonse Bertillon e ele inventou a foto policial. Ele era francês, um policial. Ficou frustrado por não ter um sistema em que ele e seus colegas pudessem identificar e capturar criminosos que eles já haviam capturado. Então ele desenvolveu um e começou a catalogar as características físicas deles e percebeu uma coisa interessante sobre a orelha humana. Não existem duas iguais, são como impressões digitais. Por isso tiram foto de perfil, ele achava crucial captar uma visão completa da orelha.

Watson: Hum, que interessante. Por que esta foto está aqui?

Holmes: Porque este caso me forçou a confrontar a possibilidade de ele estar errado. Note os lóbulos, a espessura, a hélice, a profundidade da concha.

Watson: Hum, elas são idênticas.

Holmes: E ainda assim, *Monsieur* Bertillon nos diria que é impossível.

Watson: Tá, vamos dizer que esteja certo sobre Sara, que esteja por trás disso. Ela encontrou alguém com orelhas iguais a dela, ela sequestrou essa pessoa e, então, enviou as orelhas ela para o Gordon.

Holmes: Pode imaginar o tempo e o esforço que levaria para procurar uma pessoa que seria seu gêmeo de orelha? Imaginando que algo do tipo exista.

Watson: Digamos que foi ela.

Holmes: Não explicaria como o DNA da pessoa poderia bater com o da escova recuperada na sala do crime em 2010. O jornal que nós assistimos, disse que o novo marido de Sara era um cirurgião plástico, não foi?

Watson: Sim, por quê? (DOHERTY, 2012, 30min. 06s. – 32min. 58s).

Alphonse Bertillon, funcionário da prefeitura de Paris, a partir de 1879 elaborou um método antropométrico baseado em minuciosas medições do corpo, que convergiam para uma ficha pessoal. Evidentemente, um pequeno engano de poucos milímetros seria capaz de criar as premissas de um erro judicial, mas o principal defeito em seu método era outro, o de ser puramente negativo:

Ele permitia separar, no momento do reconhecimento, dois indivíduos diferentes, mas não afirmar com segurança que duas séries idênticas de dados se referissem a um mesmo indivíduo. A irredutível elusividade do indivíduo, expulsa pela porta através da quantificação, voltava a entrar pela janela. Por isso, Bertillon propôs integrar o método antropométrico com o chamado 'retrato falado', isto é, a descrição verbal analítica das unidades discretas (nariz, olhos, orelhas), cuja soma deveria restituir a imagem do indivíduo - possibilitando assim o procedimento de identificação. As páginas de orelhas exibidas por Bertillon relembram (...) as ilustrações que, nos mesmos anos, Morelli incluía em seus ensaios (GINZBURG, 1989, p.173-174).

Ainda sobre a cena do episódio, Holmes ironiza dizendo que assim que tivesse algum progresso iria levantar e comer uma banana. Conversando com Watson, refletindo sobre não haver a possibilidade de existir um “gêmeo de orelha”, lembra-se do fato de ouvir no noticiário que o marido novo de Sara era um cirurgião plástico. Neste momento, Sherlock se levanta e come a banana (figura 10), mostrando que já havia desvendado o mistério por trás das orelhas enviadas a Gordon.



Assim como no conto da caixa de papelão vemos as explicações detalhadas da impossibilidade de haver orelhas totalmente iguais entre seres humanos, sendo estas como digitais. Surge então o momento do clímax do episódio: A culpada? Sara Cushing. Houve homicídio? Não. O desfecho é a parte fundamental do romance policial onde todo mistério no qual a trama foi envolta é revelado. Neste final, cabe ao detetive à missão de capturar o criminoso, bem como a de “(...) evitar novos crimes e restabelecer o equilíbrio das regras sociais desrespeitadas pelo criminoso diante da sociedade em que vive” (OLIVEIRA, 2017, p.82).



Figura 10: Fotograma da cena onde Holmes e Watson, na cozinha, desvendam o caso misterioso.

Encerrando-se o episódio, Sara é convidada a ir até o distrito policial pelo capitão Gregson, onde Holmes detalha suas descobertas de modo controverso, mas coerente com sua personalidade singular. Ele diz a Sara ter algumas perguntas, como: “Será que poderia, por favor, levantar e tocar seus pés?”. Sara não compreende e o detetive continua: “Um pedido simples que ainda assim lhe confunde. Muito bem, pergunta número dois, podemos olhar suas costas?” (DOHERTY, 2012, 35min. 22s. – 35min. 35s). O diálogo prossegue:

Sara: Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas eu não acho isso engraçado.

Watson: Não quer que a gente veja sob sua blusa porque veríamos suas cicatrizes?

Holmes: Por isso tem se sentado com a coluna tão ereta, não é? O tecido ainda está se regenerando e não quer mexer com ele.

Sara: Eu tive um câncer e ele foi removido há alguns dias.

Watson: Deixe-me adivinhar em dois pontos. Se pareciam com isso? [mostrando a foto das orelhas] (...).

Holmes: Noite passada, me perguntei como estas orelhas poderiam ser geneticamente compatíveis com fios de cabelo retirados de uma escova que estava no seu banheiro? Você disse que a escova não era sua e ainda assim estas orelhas são idênticas às suas. (...) Então me ocorreu, você mentiu quando disse que a escova era de outra pessoa (...).

Capitão: As orelhas eram suas também, não é? Só que elas não vieram da sua cabeça.

Sara: Vocês percebem quanto isso parece loucura?

Holmes: As pessoas acharam que o doutor Charles Vacanti fosse louco quando fez crescer uma cópia da orelha nas costas de um rato de laboratório em 1997. Eu pessoalmente não achei.

Watson: Orelhas, no geral, são cartilagens, são muito difíceis de serem recuperadas quando danificadas. Elas também têm um formato muito complexo.

Holmes: Doutor Vacanti desenvolveu um método para crescimento de cartilagem humana em uma armação em forma de orelha biodegradável. (...) Se não está familiarizada com o processo lhe encorajo a dobrar a orelha do seu marido.

Watson: Ele não é só um cirurgião plástico ele já fez esse trabalho antes, ele fez duas armações dessas no formato de suas orelhas e as colocou nas suas costas.

Capitão: Três dias depois ele as cortou e as enviou para o seu ex.

Holmes: Depois disso era só pegar o pagamento do resgate e para esta tarefa você recrutou Jim Browner. Ele não descobriu quem você era, contou para ele quando se tornou seu cúmplice.

Capitão: Esse é um mandado para recolher uma amostra de DNA para comparar com as orelhas da caixa, de um jeito ou de outro, vamos provar que veio de você (DOHERTY, 2012, 35min. 36s. – 37min. 27s).

A grande revelação sobre de quem eram as orelhas é mérito da descoberta científica de Charles Vacanti. Uma explicação moderna para um *remake* moderno. As orelhas foram criadas com cartilagens das costas de Sara e removidas pelo seu novo marido cirurgião para serem enviadas ao seu ex-companheiro a fim de que estes pudessem lucrar com mais um falso pedido de resgate (figura 11). Motivo? Ganância.



Figura 11: Fotograma da cena que mostra Sara Cushing sendo desmascarada na delegacia.

No conto literário da caixa de papelão, Holmes continua com sua linha de raciocínio sobre a descoberta de que Jim Browner era o assassino, agora com relação à destinatária do pacote e as intrigas familiares envolvendo as irmãs Cushing.

Em primeiro lugar, o nome da irmã era Sara, e até há pouco tempo o endereço de ambas era idêntico, o que tornava patente a causa do engano e a pessoa a quem se destinava o pacote. Falou-nos depois daquele comissário de bordo, casado com sua irmã mais nova, e ficamos sabendo que suas relações com Sara foram tão íntimas durante algum tempo que esta passará a residir em Liverpool a fim de ficar mais próxima dos Browners, embora uma desavença os separasse depois. Essa discórdia fizera cessar todas as relações entre eles durante alguns meses, e por isso, se Browner tivesse tido ocasião de remeter um pacote a Srta. Cushing tê-lo-ia feito ao antigo endereço (DOYLE, 1993, p.20).

Jim Browner é descrito por Holmes da seguinte forma: “Sabíamos da existência desse marujo, homem impulsivo e de paixão violentas (...), sujeito também a frequentes bebedeiras” (DOYLE, 1993, p.20). Sobre a causa da mutilação, ele reflete: “(...) O ciúme se nos apresenta como motivo do crime. Mas por que mandar a Srta. Cushing as provas do delito? Possivelmente porque, durante sua estada em Liverpool, ela teve alguma influência na sucessão de acontecimentos que levaram à tragédia” (DOYLE, 1993, p.21). O envolvimento de Sara é claro, apesar de diferente do apresentado na narrativa da série *Elementary*. Eis a declaração que Jim Browner ofereceu a polícia sua confissão, culpando Sara por ter chegado a cometer tal ato de violência.

A culpa foi toda de Sara, e possa a maldição de um desgraçado cair sobre sua cabeça e fazer-lhe apodrecer o sangue nas veias! Não digo isso para me



inocentar; tinha recomeçado a beber, como um bruto que sou. Mas tudo isso ela me teria perdoado; ela continuaria ligada a mim como uma corda à sua caçamba, se a figura daquela mulher nunca tivesse escurecido a porta de nosso lar. Pois Sara Cushing amava-me (...) até sua paixão desvairada se transformar em ódio venenoso (DOYLE, 1993, p.23).

Sara era apaixonada pelo marido de sua irmã mais nova e não sendo esta correspondida, passou a minar o casamento de Mary e Jim, apresentando à sua irmã Alec Fairbairn, que se tornaria seu amante. Ele é dono da orelha masculina decepada, já a feminina pertence à Mary Cushing. Jim Browner continua a revelar ao leitor os motivos que o levaram a matar sua esposa e o amante desta.

(...) Sara passou a evitar-me; no entanto, ela e Mary eram inseparáveis. Percebo agora que ela conspirava contra mim e envenena a alma de minha mulher. Entretanto, eu, cego e cretino, não via nada disso. Foi então que quebrei a promessa e recomecei a beber, mas não creio que o tivesse feito se Mary continuasse a ser a mesma de antigamente. (...). Entretanto, apareceu em cena esse maldito Alec Fairbairn, e a situação piorou sensivelmente. Foi para ver Sara que ele foi pela primeira vez à minha casa, mas logo suas visitas destinavam-se a todos nós. (DOYLE, 1993, p.25).

O senhor Browner narra, então, sua briga com Sara, quando lhe diz: “(...) Se Fairbairn tornar a aparecer por aqui, mandar-lhe-ei uma de suas orelhas como lembrança” (DOYLE, 1993, p.26). Semanas depois, Jim embarcou no *Mayday* para uma viagem de sete dias, mas devido a avarias no navio teve não zarpar. Ele voltou, então, para sua casa a fim de encontrar Mary e lhe fazer uma surpresa e logo viu ela e Alec partindo juntos de carro. Enciumado, ele os seguiu até a praia:

Aluguei também um barco e fui ao encalço deles. (...) Deus meu! Jamais poderei esquecer a expressão de seus rostos quando viram quem estava no barco que se aproximava! Ela soltou um grito de pavor, ele pôs-se a praguejar como um alucinado e atirou um remo em minha direção, pois deve ter lido nos meus olhos um presságio de morte. Eu esquivei-me ao golpe e atingi-o com meu bastão, que lhe espatifou a cabeça como se fosse um ovo. (...) Ela, porém, lançou os braços em torno dele, gritando desesperadamente e chamando-o “Alec”. Desferi, então, novo golpe, e prostrei-a a seu lado. (DOYLE, 1993, p.27).

Após o desfecho e a revelação do assassino, bem como a de seus sórdidos motivos, o conto encerra-se com a seguinte colocação de Holmes, questionando-se sobre a atrocidade cometida, percalço de seu ofício. Ele profere, em tom retórico, se dirigindo à Watson:

- Qual é o significado disso tudo, Watson? – proferiu Holmes, em tom solene, ao terminar. - Que propósito anima este círculo de desgraça, violência e terror? Deve tender para um fim. De outro modo, nosso universo seria

governado pelo acaso, o que é inadmissível. Mas qual será esse fim? Eis o imenso, imutável e eterno problema, de cuja solução a mente humana se encontra mais longe do que nunca (DOYLE, 1993, p.28).

Qual é o significado disso tudo? Excelente indagação após uma imersão no mundo do romance policial. Talvez a palavra adequada para descrever a exposição feita seja o neologismo *serendipity*, usado para “designar as descobertas imprevistas, feitas graças ao acaso e à inteligência” (GINZBURG, 1989, p.168). O método indiciário proposto por Carlo Ginzburg vale-se de forma sem igual da valorização destas descobertas envoltas em pormenores, na maioria das vezes, negligenciados.

A série *Elementary* pode ser considerada inovadora por trazer a mudança do gênero de um dos personagens clássicos de Arthur Conan Doyle, de John Watson para Joan Watson, que continua ao lado de Sherlock Holmes, mas com um protagonismo maior do que o retratado na obra literária, na qual o personagem tem a função de biógrafo do detetive e narrador de suas histórias. É fato que “(...) ‘novas linguagens’ como a da televisão e do cinema exercem um papel fundamental ao ressaltar, reafirmar, recriar ideologias, diversificar, adaptar, traduzir, pequenas narrativas que ganham corpo e se universalizam” (OLIVEIRA, 2017, p.87). Dentro deste contexto, “(...) as histórias que conseguem sobreviver são aquelas cujas mutações permitem que elas se ajustem (se adaptem) de modo mais eficaz a sua cultura ou ambiente” (FIGUEIREDO, 2018, p.173). *Elementary* supera as amarras da fidelidade às obras originais, articulando aspectos criativos e artísticos, rompendo padrões de gênero e normatividade. Tal como afirma Figueiredo, “(...) qualquer adaptação implica uma mudança histórica. Trata-se dos traços característicos carregados pelo hipertexto que possibilitam reconhecer sua origem, que será preservada e perpetuada por meio de replicações desses traços, como ocorre com os genes” (2018, p.172).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 16ª Edição. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. Tradução Marcelo Félix – Lisboa: Texto & Grafia, 2004.

BONFANTINI, Massino, A; PRONI, Giampaolo. **Suposição: Sim ou Não? Eis a Questão.** In: ECO, Umberto, SEBEOK, Thomas A. (org.). **O Signo de Três.** Tradução: Silvana Garcia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008, p.131-147.

DOHERTY, Robert. **O Caso das Orelhas.** In: Elementary. Estados Unidos, CBS TV Studios, 2012, 42 min.

DOYLE, Arthur Conan. **A Caixa de Papelão.** In: As Aventuras de Sherlock Holmes. Volume V. São Paulo: Círculo do Livro, 1993.

DOYLE, Arthur Conan. **Um Estudo em Vermelho.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

ELIOT, Thomas Stearns. **A Tradição e o Talento Individual.** In: Ensaaios. São Paulo: Art, 1989.

FIGUEIREDO, Camila. Replicando o Gene do Detetive: a Transposição Midiática na Série de TV Sherlock. In: **Scripta.** Uniandrade. Curitiba: Paraná. Volume 16, Número 3, 2018.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais.** Tradução: Frederico Carotti – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação.** Tradução: André Cechinel. 2ª Edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

LINS, Álvaro. **No Mundo do Romance Policial.** São Paulo, Ministério da Educação e Saúde: Serviço de documentação, 1947. (Cadernos de Cultura).

MACIEL, Mariana Assis; BRANCO, Sinara de Oliveira. **Obras Literárias, HQ e Séries de TV: um Estudo sobre Tradução Intersemiótica.** In: Anais do VI ENLIJE – Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino, 2016. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO\\_EV063\\_MD1\\_SA12\\_ID158\\_11072016184934.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV063_MD1_SA12_ID158_11072016184934.pdf). Acesso em 07/03/2020.

OLIVEIRA, Cristina Santana. A Transgressão do Personagem Detetive nas Séries Televisivas “Elementary” e “CSI – Crime Scene Investigation”. In: **Revista GELNE,** Natal: Rio Grande do Norte. Número 2: p. 78-89. Julho – Dezembro, 2017.

VALLE, Elva. **O Caráter Investigativo em House, Criminal Minds e Supernatural.** In: Anais do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Evento do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24285>. Acesso em 07/03/2020.

**Recebido em 04 de dezembro de 2019**

**Aprovado em 29 de março de 2020**